

CONGRESSO BRASILEIRO DE EVANGELIZAÇÃO
(Belo Horizonte - 1983):
Considerações pessoais e artesanais

Valdir Raul Steuernagel

UM EVENTO NO CORAÇÃO DE DEUS

O Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE) foi um acontecimento marcante na minha vida. Não apenas por causa daqueles poucos dias nos quais este evento aconteceu, mas em função de uma caminhada que foi bem mais ampla. A idéia de um congresso de evangelização acompanhou a minha vida a partir de novembro de 1979, por ocasião da II Consulta Latino-americana de Evangelização. De lá até outubro de 83 não consegui largar essa idéia/vocação. Foi uma larga trajetória, às vezes marcada pela indecisão e conflito, mas sempre com a convicção de que era necessário prosseguir.

É preciso dizer ainda que o Congresso teve lugar num momento muito específico e vivencial. Outubro de 83 está dentro de um contexto no qual Deus está atuando com muito carinho na minha vida. É por isso que olho para Belo Horizonte - Mineirinho com um sentido de profunda gratidão a Deus. Gratidão por aquilo que Deus está fazendo na minha vida em relação ao anseio de discernir o caminho da obediência, ter um relacionamento profundo com Ele, louvá-lo mais expressivamente e ter um ministério revestido do Espírito Santo.

No CBE o Senhor me deu dois momentos muito profundos de percepção da sua presença. Um deles tem relação com a minha palestra. Foi muito especial. Eu não estava sozinho. A unção do Senhor foi vitalizadora. O segundo tem relação com a palestra de encerramento do P. Caio. Sua síntese foi muito feliz e sua comunicação foi revestida do poder do Espírito.

Mas, no caminho de volta, sentado no ônibus, não sabia direito o que dizer, nem como avaliar. Esse sentimento meio amorfo me acompanhou por algum tempo.

Por momentos parecia que eu havia perdido o "Kairós". Havia discernido, percebido, orado pelo "Kairós" no período pré-congresso; mas na hora da "máquina" começar a funcionar, ela me absorveu. Dei trela à minha natureza e fui uma "Marta", a correr desvairadamente de um canto ao outro. Encerrado o Congresso, o gosto de ressaca habitava o céu da boca.

Conversando com as pessoas aqui e acolá, no entanto, fui sendo alegrado. Elas estampavam, na sua maioria, uma saltitante alegria pelo evento vivido. "Eu precisava disso" me disse um velho guerreiro no Reino. "Para mim existe antes e depois de BH", compartilhou um jovem pastor. "Eu senti a importância do Congresso na transformação da vida do líder da minha igreja", disse um obreiro da seara.

O CBE não pode ser avaliado ainda, é verdade. Com o decorrer dos anos se concluirá a respeito da sua instrumentalidade, ou não, para a jornada do Reino neste nosso país.

Mas a gratidão profunda a Deus pode ser expressa, formulada: Graças a Deus por este histórico acontecimento. Haverá outros, certamente, mas nenhum será igual, como já disse alguém.

Queria fazer algumas considerações à guisa de avaliação. Faço-as a partir de um compromisso triplo:

- a) com a Palavra de Deus, atualizada pelo E.S.;
- b) com a Igreja, o corpo vivo de Cristo e sua urgente tarefa missionária;
- c) com a justiça e a realidade, na opção pelo pequeno.

Quando um participante da América Latina me perguntou como nós conseguimos reunir tanta gente tão diferente, quer dizer, de tão diferentes matizes denominacionais e/ou teológicas, eu lhe dei três razões:

- 1) A proposta do CBE se validou por si, pois caiu num terreno fértil.
- 2) Há uma geração nova que busca pela unidade, querendo vencer a rigidez separatista e o "caciquismo".
- 3) A liderança do Presidente do CBE, Dr. Manfred Grellert, e o espaço que ocupa hoje no Brasil cristão, a partir e/ou apesar da Visão Mundial.

É evidente que estes três pontos devem ser entendidos dentro do contexto do Kairós, que é consequência única e suficiente do sopro do Espírito que nasce no coração de Deus e aponta para Jesus Cristo - rumo à evangelização do Brasil nesta geração e à sinalização do Reino no seio do nosso povo e realidade.

Creio que ecoaram três clamores coletivos no Mineirinho:

- a) o clamor do amor na realidade do Corpo de Cristo. Já teria havido outro momento, na história da igreja evangélica no Brasil, onde a oração pelo vínculo do amor no relacionamento entre os irmãos ecoasse tão uníssona?
- b) o clamor pela unidade. A busca pela unidade dos cristãos e a prática da oração sacerdotal por esta mesma unidade marcou

os congressistas e mostrou, representativamente, ser o anseio de grande parte da atual geração de cristãos;

- c) o clamor da responsabilidade para com o homem todo no contexto do seu habitat. O homem e a realidade brasileira foram uma descoberta imensa neste congresso. Já não se pode falar da evangelização do Brasil sem se levar em conta a sua gente e realidade.

Refletir sobre o congresso significa também perceber as lacunas e praticar uma saudável auto-crítica. Eu inicio com o que julgo mais importante.

A Evangelização do Brasil: o grande buraco do congresso foi a falta de uma abordagem mais específica quanto a evangelização do Brasil. Falamos é claro, sobre a necessidade da evangelização mas era necessário ser mais concreto e estratégico. Havia um dia, no programa, no qual dever-se-ia fazer isto, mas o objetivo não foi alcançado. Deveríamos, no meu parecer, ter dedicado mais atenção para a estratégia da evangelização do Brasil e dado um lugar mais vigoroso para o testemunho acerca do que já se faz acerca da mesma.

Exposição Bíblica: senti falta de uma exposição bíblica diária e seqüencial. Quando se compõe um programa, como o do CBE, a tentação é a de incluir isto e mais aquilo e o resultado é uma espécie de inchaço. Creio que teria valido a pena dar tempo para exposição bíblica sistemática.

A realidade e a questão social: uma das grandes virtudes do CBE foi nos revelar o homem brasileiro e o lugar onde vive, e que este é essencialmente pobre. Ainda assim, faltou uma abordagem mais específica do problema da cultura brasileira e toda a questão do sincre-

tismo religioso. Um congresso de evangelização não poderia deixar de considerar com mais determinação este problema, que é de cunho espiritual/social e exige da parte da igreja uma clara posição.

Parecia, ainda, que muitos preletores sentiam necessidade de integrar a "questão social" nas suas abordagens, o que não era absolutamente necessário. No programa do congresso havia espaço para uma abordagem missiológica que consideramos ampla e integral. Era só segui-lo.

Muitos dos congressistas sentiram que não houve espaço, no CBE, para o seu estilo de louvor. Nesta área, houve uma sentida e lamentável unilateralidade. Percebemos, ainda, que é muito importante que os preletores convivam com os congressistas durante todos os dias.

Poderíamos abordar algumas questões de logística que são muito importantes, mas não são o nosso objetivo. Mesmo não tendo uma infraestrutura suficiente para um evento desta ordem e dimensões, creio que o andamento do CBE foi razoável, apesar do susto da primeira hora e dos descarrilhamentos cotidianos.

Queria deter-me um pouco mais no *Compromisso de Belo Horizonte*. Parece-me importante refletir sobre os acontecimentos em torno do mesmo.

Optou-se, na Comissão Executiva, pela elaboração de um compromisso que pudesse ser apoiado e levado pelos congressistas a partir de B.H.

Elaborou-se, então, um compromisso provisório que foi distribuído e posteriormente recolhido visando avaliar as sugestões que chegassem, e partir para a reelaboração do Compromisso de BH, na sua forma final.

Foi importante sentir o corpo dos congressistas e escutar os irmãos: exercitar o corte

aqui e inclusão acolã. É pena, no entanto, que não houvesse possibilidades maiores de se conversar sobre as questões que foram levantadas e discernir um pouco as origens das mesmas.

Pensando e conversando, faria as observações em dois pontos:

- a. Foi bastante positiva a reação de pessoas e grupos. Nas respostas se pode averiguar isto. Algumas reações foram surpreendentes pela sua origem, naturalidade e força. Outros havia que queriam um documento mais incisivo na questão profética. Não por último, houve o grupo do silêncio que não se manifestou, ou por concordância ou por indiferença.
- b. Havia muitos irmãos que tinham observações críticas e questionamentos a fazer. Podemos vê-los em duas áreas:
 1. os estrangeiros, que queriam ver expresso no Compromisso uma exata linguagem dogmática, conforme a sua realidade de origem e conforme a tradução que aprenderam no Brasil. Neste caso se percebe um mundo de conflitos e formulações teológicas, que não são necessariamente os nossos. Mesmo sendo forâneos, no entanto, são-nos impostos como camisa de força, acrescidos, por vezes, de uma acentuada rigidez até de fundo emocional. Não seria esta a religião do medo?
 2. oriundo do "mundo da ortodoxia" onde, em casos, se percebe mais uma maior preocupação com a precisa formulação dogmática do que com a vida e missão da igreja. Não se vive, neste caso, o "AI-5 da religião"? A história da igreja nos ensina a respeito do resultado de uma tal ortodoxia. Geralmente ela traz em si uma acentuada rigidez quanto à letra, mas peca pela ausên-

cia da vida. O movimento do pietismo, com sua ênfase na conversão, edificação e comunhão é, por exemplo, resposta a uma época onde a ortodoxia era uma palavra forte.

Como exemplo, quero citar o terceiro ponto do compromisso, que tem relação com as Escrituras e diz: "com as Sagradas Escrituras como a inspirada e infalível Palavra de Deus, autoridade absoluta para todo o povo de Deus e para toda a evangelização".

Creio absolutamente na suprema autoridade da Bíblia, como Palavra de Deus. Sinto, por isso, a liberdade de manifestar-me em relação à pressão ocorrida no congresso para que se incluíssem no compromisso palavras como "infalível", "inspirada", "inerrante" ... A reação que esboço não tem relação com a Bíblia, mas com o arcabouço ideológico que acompanha essa linguagem. Gostaria de expressá-lo nas palavras de um irmão pentecostal, que é professor de AT nos EEUU. Ao abordar a situação hermenêutica dos estudos bíblicos e teológicos nos EEUU ele diz: "Neste artigo, eu defendo a tese de que o termo 'inerrância' não é simplesmente uma afirmação positiva acerca da Escritura. Muito simplesmente, ele é preferido por vários líderes evangélicos conservadores, em relação a outros termos, como 'infalibilidade', por causa de sua função prática como uma senha para penetrar na intimidade do jogo de uma série de instituições, imprensa e associações profissionais.

Esta precisa reivindicação teológica e hermenêutica torna-se relativa, em função de lealdade política a um 'status quo' predominantemente branco e do mundo evangélico no norte. Este 'establishment' é, geralmente, a herança política dos fundamentalistas nos EEUU, que caminha de mãos dadas com o patriotismo tipo 'nação escolhida' e o pessimismo pré-milenista, acompanhado por vezes de uma imobilidade em relação aos pecados sociais no mundo".

Será que no CBE não cedemos a este tipo de pressão ideológica e forânea? Esta não é a nossa agenda. Para nós, a autoridade da Palavra e a necessidade de vivê-la e anunciá-la deve ser pacífica. Digo, inclusive, que a autoridade da Bíblia deve ser tão profunda que questione a própria elaboração teológica, a formação dogmática e a sua forma de expressão. É necessário, no entanto, expressar esta verdade dentro do nosso contexto, e não precisamos nem devemos expressá-lo segundo parâmetros, ideológicos ou não, que nos sejam estranhos.

Como resultado, poder-se-ia dizer que o compromisso perdeu a sua agucidade e um pouco da sua força. Ainda assim, no entanto, creio que ele estabelece, junto com a explicitação teológica dos objetivos do CBE e o pacto de Lausanne, a agenda teológica para a igreja brasileira para os próximos anos.

Este foi um congresso artesanal, brasileiro, adaptado a um momento de crise (mesmo que muita comida tenha sobrado). Isto precisa ser reconhecido e agradecido. Poderia ser ainda mais Brasil, com testemunho de pessoas envolvidas com igrejas interioranas, de favela, ... com música nativa, com presença indígena, com a realidade da mulher, com a seca do Nordeste, mas não tínhamos nem os recursos, nem a visão para isso.

À medida que se passam os dias, solidifica-se a minha gratidão a Deus e a convicção do "Kairós". Isto aumenta a responsabilidade para o futuro que está aberto e a agenda que está colocada. Vamos respeitá-la e trabalhá-la: a evangelização integral, intensiva e ousada do homem brasileiro no seu contexto específico. Vamos estabelecer igrejas vivas, como sinal do Reino, anúncio de graça e denúncia de pecado, até que o Senhor venha. A descoberta do homem e da realidade brasileira como afetos diretos

ã vida da igreja já não pode ser encoberta.

A jovem igreja evangélica brasileira está embebida de esperança. Este congresso e o seu conteúdo seria inimaginável há apenas dez anos atrás. Hoje ele faz parte da nossa história, com o candente desafio de uma evangelização que seja digna da magnitude do desafio deste país continente e ousada no confronto com a realidade de um homem e um país sofrido.

Sobre "furacão de Deus"! Derrube o velho mundo e crie o mundo novo da paz e da justiça: o reino de Jesus. Maranata!